

Minha quadra, 1

CECÍLIA BRANDIM
DA EQUIPE DO CORREIO

Na concepção original, as superquadras do Plano Piloto deveriam ser espaços de convivência seguros e completos. Quadras esportivas, praças, passeios públicos, mesas, bancos, prédios com área de livre circulação, comércio voltado à comunidade. Ter acesso a toda essa infra-estrutura, porém, é apenas um sonho para muitos moradores da Asa Norte. A população que investiu alto na aquisição ou aluguel de um imóvel para ter qualidade de vida reclama do abandono e das modificações no projeto de Lucio Costa. Aos poucos, a proposta original é modificada. As mudanças, muitas vezes sutis, estão por toda parte.

O Correio percorreu nove quadras da Asa Norte essa semana, inclusive à noite. Estacionamentos irregulares, longos trechos sem calçamento, meios-fios quebrados ou inexistentes, áreas verdes abandonadas, pavimentação precária, ausência de placas de sinalização foram alguns dos problemas de urbanização encontrados. Cansados de esperar, moradores de diversas quadras decidiram financiar as obras.

“Há oito anos a gente luta para recuperar os espaços públicos. Em muitos lugares, como nas 700, as calçadas viraram estacionamento. Há uma omissão completa do poder”, aponta o presidente do Conselho Comunitário da Asa Norte, Sérgio Paganini. “O governo parece ter desistido de completar a urbanização da Asa Norte”, emenda o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Frederico Flósculo.

O administrador de Brasília, Clayton Aguiar, rebate as críticas. Diz que as obras de urbanização estão a todo vapor. E anuncia: “2005 será o ano das pequenas obras no Plano Piloto”. Segundo ele, todas as pendências foram incluídas no orçamento do próximo ano. “Mas não tenho como atender tudo de uma vez”, diz. Por isso, Aguiar avisa que a prioridade será das comunidades mais organizadas. “Seguramente, as quadras sem prefeitura serão as últimas a serem atendidas. Todas devem ser atendidas, mas preciso de critérios. As pessoas podem até não concordar, mas uso de meu livre arbítrio”.

Pela lógica de Aguiar, os moradores da 109 Norte terão de esperar bastante para ver suas reivindicações serem atendidas. A quadra não tem prefeitura. Há três anos eles esperam por instalação de iluminação pública, drenagem de águas pluviais, arborização, calçadas, placas de trânsito. Contra o desenvolvimento da quadra ainda pesa a regra de que a Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) só pode cuidar da urbanização quando as redes de eletricidade, telefonia, esgotamento, vias internas e áreas verdes estiverem definidas.

A burocracia prejudica moradores, como a relações públicas Grácia Regina do Amaral dos Santos, 38 anos, que espera há seis anos pelas obras. Segundo ela, a iluminação pública só chegou há

um ano. De acordo com o consultor em comunicação da Companhia Energética de Brasília (CEB), Marcelo Coutelo, casos como o da 109, uma quadra ainda não concluída, são de responsabilidade da Administração de Brasília, que deve determinar as prioridades dos serviços. Cinco das nove quadras visitadas pela reportagem não estão concluídas.

Na avaliação do professor Frederico Flósculo, os problemas existem porque o projeto original de Lucio Costa tem sido constantemente violado. Ele cita vários problemas: padrão de comércio que não obedece a finalidade original; calçadas mal projetadas ou inexistentes; falta de árvores. “Lucio Costa imaginou cafés e áreas de lazer, mas em número menor. Em algumas quadras, há mais de cem estabelecimentos”, comenta. Para ele, a única mudança positiva nas quadras, não prevista pelo urbanista, foi o surgimento das prefeituras. “São a única esperança concreta de preservação do Plano Piloto.”

Barulho

Quando anoitece, o movimento de bares e restaurantes tira o sossego dos moradores da Asa Norte. Os ambulantes e os engarrafamentos tomam conta das ruas. Os moradores do bloco D da 210 Norte, o mais próximo da comercial, têm a rotina ditada pelo funcionamento dos

inúmeros estabelecimentos da região. A partir das 20h, de terça-feira a sábado, é impossível encontrar uma vaga no estacionamento do prédio. O espaço é tomado pela clientela do comércio. Quem chega tarde em casa precisa se arriscar, deixando o carro em locais proibidos.

Na medida em que a madrugada avança e o movimento cai, os vizinhos saem de casa para estacionar seus carros nos locais permitidos. “É até engraçado, porque os vizinhos se encontram em baixo do bloco entre 2h e 3h da manhã”, conta o comerciante Ricardo Luiz Ferreira, 29 anos. Ele comprou um imóvel do edifício há um ano, quando o prédio ficou pronto, mas já pensa em se mudar. “O pior dos transtornos é não dormir”, diz, referindo-se ao barulho dos bares e seus clientes.

Quem mora na 110 Norte vive o mesmo drama. Dois bares instalados no comércio da superquadra são responsáveis pelo desconforto de dezenas de moradores. Nas noites de sexta-feira e sábado, os ambulantes avançam pelas ruas da quadra, o movimento de clientes lota os estacionamentos e obstrui a principal via de acesso aos prédios. “Isso nos traz um sentimento de insegurança muito grande. Temos visto a violência aumentar na 110 nos últimos meses”, afirma o servidor público Luiz Carlos Ferreira, 48, síndico do bloco I.

Na 315 Norte é a mesma coisa. O tumulto da noite tornou-se o grande cal de quem espera viver com tranquilidade. “Nunca conseguimos mudar nada. E agora, os moradores de rua estão se instalando. Está tudo muito sujo”, reclama a dona-de-casa e prefeita da quadra, Fátima Célia Marques, 51.

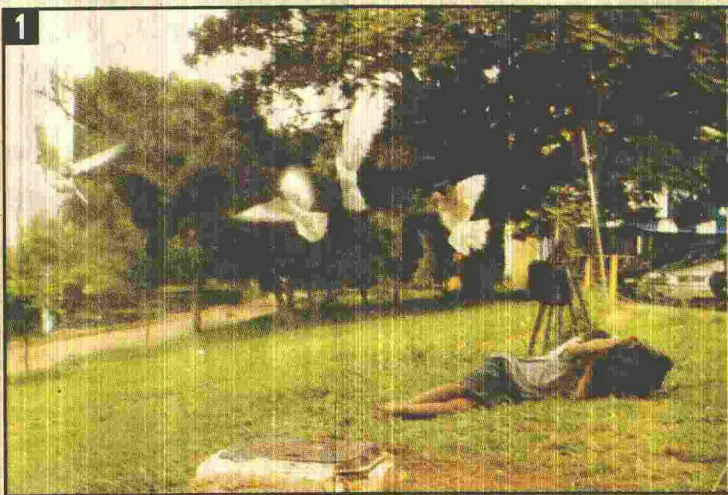
Fotos: Edilson Rodrigues/CB/2.12.04



NA 213 NORTE, A POLUIÇÃO TOMA CONTA DO CÓRREGO OLHOS D'ÁGUA: AMBIENTALISTAS FORAM AO MINISTÉRIO PÚBLICO E ACUSARAM A EMPRESA CONSTRUTORA DO BLOCO D

ONDE FALTA SOSSEGO

Carros estacionados em locais proibidos, ausência de área de lazer para as crianças, lixo e até ratos. Isso sem contar o barulho noturno dos clientes de bares e restaurantes e o medo de assaltos. A Asa Norte clama por tranquilidade e infra-estrutura



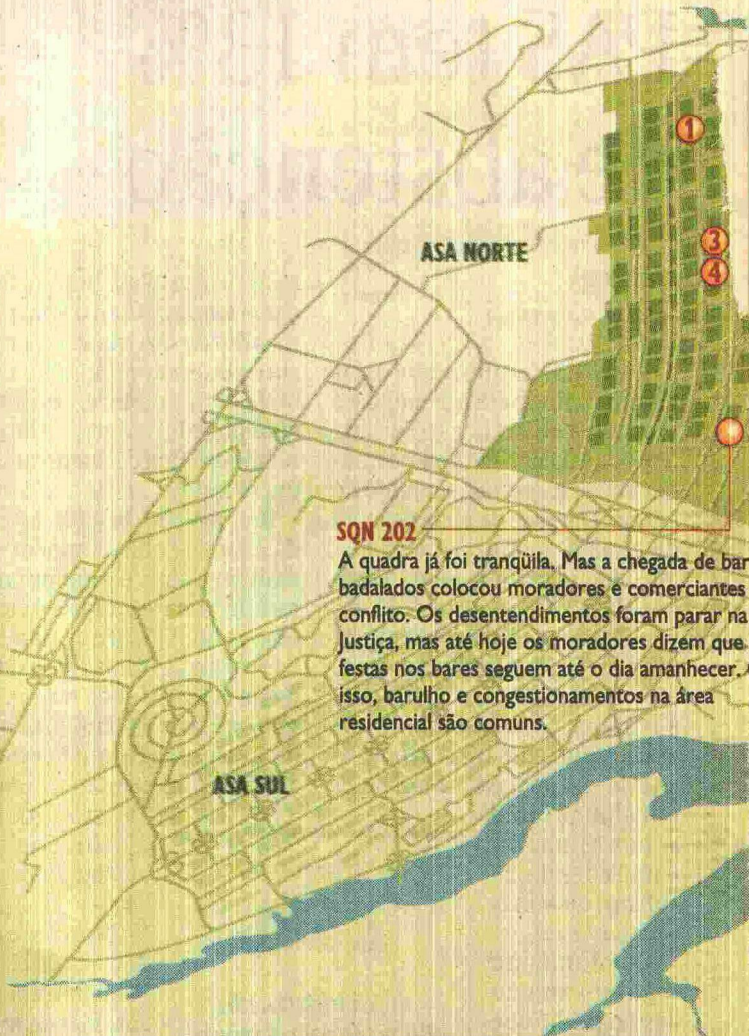
SQN 315

A quadra é antiga e ninguém reclama da urbanização. Os problemas para quem mora ali ocorrem fora da área residencial. O comércio é movimentado quase todas as noites da semana. Brigas e prostituição obrigam as lideranças comunitárias a chamar a polícia com frequência para resolver as confusões, que já são antigas e nunca tiveram solução.



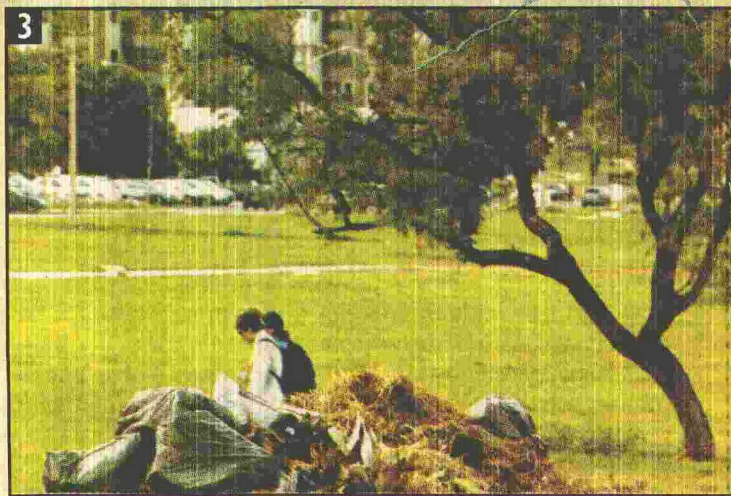
SQN 212

Embora existam prédios com quatro anos de conclusão, o asfalto só chegou a essa quadra há pouco mais de um mês. Enquanto as obras de sinalização, previstas para o ano que vem, não chegam, a prefeitura da quadra decidiu improvisar. Foram colocadas faixas de pano no lugar das placas. Não há calçamento nem faixas de pedestre.



SQN 202

A quadra já foi tranqüila. Mas a chegada de barbadalados colocou moradores e comerciantes em conflito. Os desentendimentos foram parar na Justiça, mas até hoje os moradores dizem que festas nos bares seguem até o dia amanhecer. Isso, barulho e congestionamentos na área residencial são comuns.

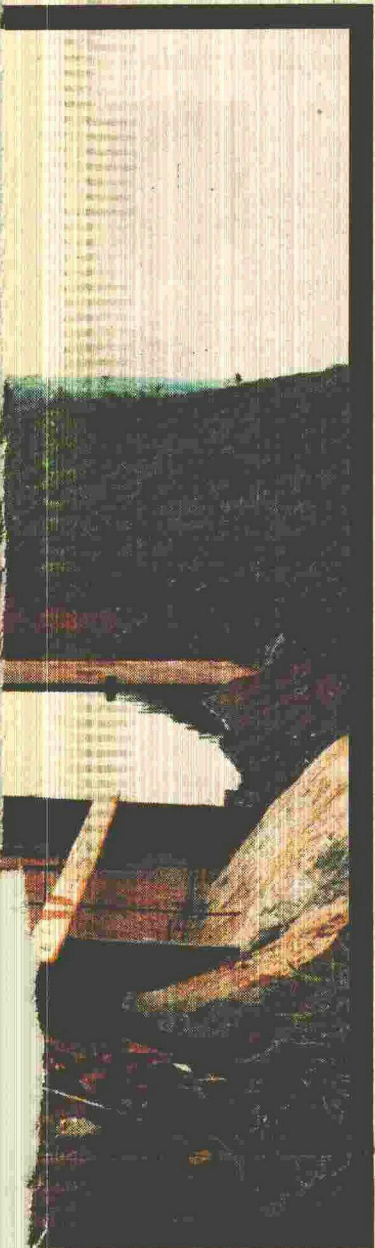


SQN 110

Há apenas sete blocos construídos. Os moradores reclamam da ausência de calçadas, meios-fios quebrados e ocupação irregular de uma área atrás do comércio. Além disso, pedem mais sinalização e a revisão do projeto da entrada da quadra, uma curva sinuosa, e das vias internas. Sem área de lazer adequada, as crianças dividem a rua com os carros para brincar. Os bares do comércio perturbam o sono dos moradores. As reclamações à administração começaram a ser feitas há mais de um ano. Até agora poucas foram atendidas.

les e mudanças no projeto de Lucio Costa. Falta de calçamento, iluminação e segurança estão entre as queixas

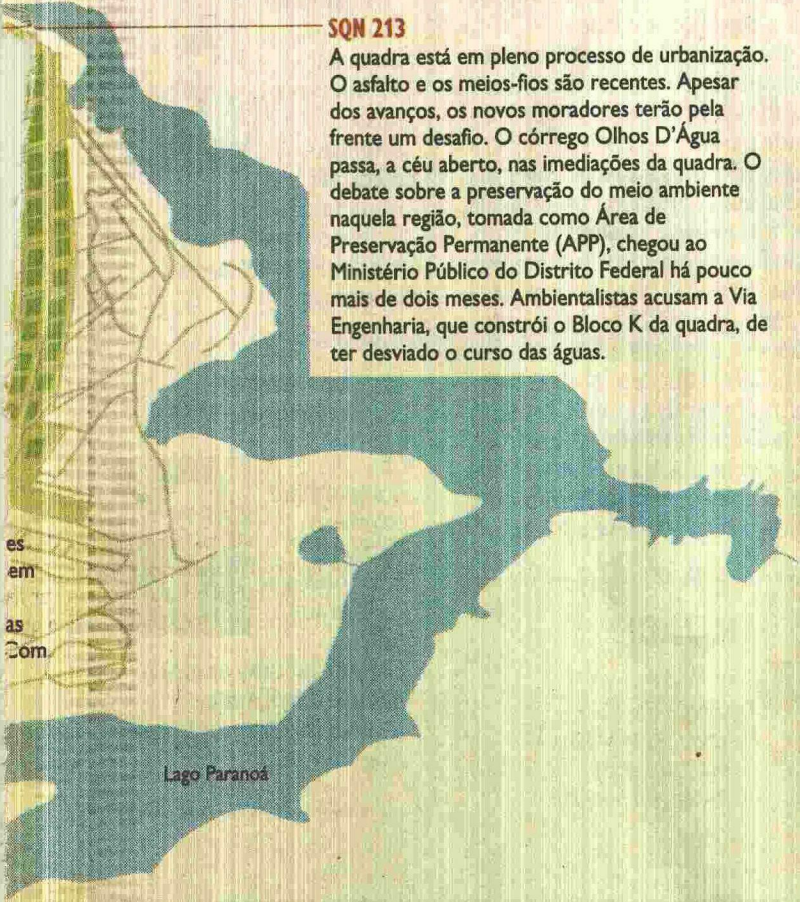
meu problema



A DE DESVIAR O CURSO DA ÁGUA



À NOITE, A 209 NORTE É TOMADA POR CARROS ESTACIONADOS EM LOCAL PROIBIDO, UM PROBLEMA QUE SE REPETE EM OUTRAS QUADRAS, PRINCIPALMENTE NAS 700: MORADORES PEDEM MAIS FISCALIZAÇÃO



SQN 213

A quadra está em pleno processo de urbanização. O asfalto e os meios-fios são recentes. Apesar dos avanços, os novos moradores terão pela frente um desafio. O córrego Olhos D'Água passa, a céu aberto, nas imediações da quadra. O debate sobre a preservação do meio ambiente naquela região, tomada como Área de Preservação Permanente (APP), chegou ao Ministério Público do Distrito Federal há pouco mais de dois meses. Ambientalistas acusam a Via Engenharia, que constrói o Bloco K da quadra, de ter desviado o curso das águas.



SQN 109

Lixo nas ruas, iluminação precária, falta de calçadas, áreas de convivência e rede pluvial revoltam os moradores. Alguns prédios foram entregues há seis anos. Há quatro anos, uma enchente alagou as garagens de um dos blocos. Só depois disso os moradores conseguiram a colocação de meios-fios em parte das vias. Cinco prédios estão prontos. Há ainda dois em obras. Sem prefeitura, os moradores têm dificuldade de reivindicar seus direitos.

AS MAIORES RECLAMAÇÕES

- ✓ Recapeamento asfáltico
- ✓ Iluminação pública
- ✓ Poda e remoção de árvores
- ✓ Limpeza de logradouros públicos
- ✓ Conservação de praças e logradouros públicos
- ✓ Conservação de marquises e fachadas de imóveis
- ✓ Desobstrução de galerias de águas pluviais
- ✓ Remoção de entulho
- ✓ Desratização
- ✓ Poluição sonora
- ✓ Poluição do ar
- ✓ Danos ao meio ambiente
- ✓ Obras irregulares
- ✓ Comércio ambulante irregular
- ✓ Estacionamento irregular

Fonte: Administração de Brasília, referente a todo o Plano Piloto

Moradores pagam pelas obras

“É inconcebível imaginar que após aproximadamente um ano, nossas solicitações não tenham saído do setor de protocolo.” Assim começa o texto da última correspondência enviada pela prefeitura da SQN 110 à Administração Regional de Brasília, no dia 11 de novembro. Os moradores cansaram de esperar. Em acordo firmado na última sexta-feira com técnicos da administração, a prefeitura decidiu arcar com as despesas de recuperação de meios-fios. “O governo diz que não tem orçamento, então essa foi a saída que encontramos”, comenta o prefeito Gilson Müller da Silva.

Mas preocupações do prefeito vão além dos meios-fios. Segundo ele, o movimento de clientes no bares Raízes e Galeria, na comercial da quadra, atraíram também assaltantes e vândalos. “Arranham os carros, roubam sons. Essa quadra está ficando visada”, diz. Nas ruas, ambulantes vendem comida e bebidas alcoólicas. Falta policiamento.

Concorrência

O proprietário do bar Raízes, Pablo Feitosa Nunes Amorim, 31 anos, afirma que não pode responder pelos transtornos. “Meu alvará vai até as 3h e eu fecho antes disso. Não temos música ao vivo e o bar fica afastado das quadras”. Para ele, a presença dos ambulantes também é prejudicial, porque oferece concorrência ao bar. “Eu não tenho responsabilidade por eles. Pago meus impostos, estou em dia com a fiscalização”, defende-se.

O administrador de Brasília, Clayton Aguiar, diz que a responsabilidade pelo movimento também não é sua,

mas da Secretaria de Fiscalização do GDF. Segundo ele, som alto é tarefa da Secretaria de Meio Ambiente e, se houver confusão, é caso de polícia. Mesmo assim, ele dá um recado àqueles que reclamam do barulho: “Tem dono de bar abusado mesmo, mas há moradores chatos. Se eu for dar ouvidos a todas as reclamações, Brasília se tornará um convento!”.

Ecuridão e ratos

Um trecho do livro de ocorrências do bloco L da SQN 109 explica por que alguns se sentem inseguros. No dia 6 de outubro, o porteiro do prédio, Antônio Santos Marques, des-

creveu o itinerário de um “-elemento” que entrou na quadra por volta de 1h20 da madrugada e tentou roubar um carro no estacionamento. Sem sucesso, o homem foi para a SQN 309, onde tentou abrir uma Kombi. O alarme do veículo disparou, o rapaz correu, e ainda teria invadido um dos apartamentos do comércio. O porteiro garante que a polícia militar foi chamada, mas não apareceu.

De acordo com a síndica do prédio, a relações públicas Grácia Regina dos Santos, 38, o clima de insegurança se deve à iluminação pública precária. Como ainda há dez projeções vazias, sobram áreas escuras e sem urbanização. A grama alta e o acúmulo de lixo no centro da quadra denunciam o abandono. Os moradores reclamam ainda da presença de ratos.

A administração de Brasília foi avisada desses problemas em fevereiro de 2002. Um documento de sete páginas, assinado por representantes de cinco blocos, detalha, com fotos, todas as deficiências da quadra. De dez reivindicações, apenas a instalação de iluminação pública foi atendida e demorou mais de um ano. A quadra não tem prefeitura.

Cansada de esperar pela arborização, a bibliotecária Doroti Hoff, 53, comprou mudas de ipês e flamboyants e plantou em frente ao prédio onde mora. Se continuar assim, o GDF corre o risco de ver uma campanha contra o IPTU. “Eu aceito que os moradores façam tudo, mas quero isenção de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano)”, diz o servidor público Alexandre Alvim Ferreira, 29, morador da 109.(CB)

ONDE BUSCAR SOLUÇÃO

■ Quem quiser solicitar uma reparação, pode procurar a administração de Brasília. Endereço: Setor Bancário Norte, quadra 2, bloco K. Telefone: 327-5000

■ Outra opção é o Serviço de Atendimento ao Cidadão. Telefone: 156. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira, de 7h às 21h. Aos sábados, domingos e feriados, funciona de 8h às 18h.

■ Serviço de reparos ou instalação de redes de iluminação só podem ser feitos a pedido da administração. Nos casos substituição de lâmpadas queimadas, o cidadão deve ligar diretamente para a CEB. Telefone: 0800 610196